

Associação Portuguesa de Língua

XV Encontro

Nacional de

Associação

Portuguesa de

Linguística

actas

1999

Faro

ÍNDICE GERAL

Volume I

Conferências

- PARRET, Herman, *Pour une pragmatique integrale de l'interaction communicative* 11
- URIAGEREKA, Juan, *Linguistic variation and the new world order* 25

Comunicações

- AFONSO, Ana Bela, *Para um estudo sobre a interrogação retórica* 37
- ALDRIGUE, Ana Cristina de Sousa e CASTRO, Onireves Monteiro de, *Ensino-aprendizagem da leitura e da escrita: uma experiência sócio-psicolinguística* 49
- ALEXANDRE, Nélia, *Reflexões sobre a estrutura dos DPs relativizados: a análise (DP D° CP), de Kayne 1994* 55
- ÁLVAREZ, Rosario, *O redobro de a + fn en galego moderno* 75
- ALVES, Carla Cristina Aires, *A interacção verbal em contexto pedagógico* ... 95
- ALVES, Eliane Ferraz, *Construções lexicais complexas constituídas com o verbo "levar": uma proposta de análise constitutiva* 105
- AMARAL, Patrícia Matos, *A relevância da metáfora para a compreensão do processo interpretativo* 115
- BANZA, Ana Paula, *A Defesa perante o Tribunal do Santo Ofício do Padre António Vieira: uma obra à espera de uma edição crítica* 127
- BARBEDO, Maria Margarida, *Passivas com verbos psicológicos da família de preocupar* 139

**A DEFESA PERANTE O TRIBUNAL DO SANTO OFÍCIO DO PADRE
ANTÓNIO VIEIRA: UMA OBRA À ESPERA DE UMA EDIÇÃO CRÍTICA**

ANA PAULA BANZA
(Universidade de Évora)

1- Vieira Orador/Vieira Escritor

Se pretendessemos encontrar no universo seiscentista português uma figura literária que o representasse, tal figura seria, muito provavelmente, a do Padre António Vieira e esse será seguramente um dos motivos que têm levado tantos autores, portugueses e estrangeiros, a interessarem-se pela sua obra. No entanto, Vieira não era, por natureza, um escritor, mas antes um orador: à palavra escrita preferia a palavra dita; à recepção diferida preferia a recepção imediata e, enfim, à concentração e ao longo e aturado trabalho necessários à elaboração de obras escritas de grande extensão e complexidade preferia o desenvolvimento pontual e ad hoc de determinados temas em textos orais de pequena e média extensão.

Assim se explica, antes de mais, a relutância, manifestada em várias ocasiões, inclusive no Prólogo mesmo dos *Sermões*, em "reduzir a estilo" os sermões pregados no púlpito e, quase sempre, apenas esboçados sob a forma de apontamentos escritos: "...obrigação, porque começo a tirar da sepultura estes meus borrões, que sem a voz que os animava, ainda ressuscitados são cadáveres"¹. Como grande orador que era, Vieira tinha a perfeita consciência, cabalmente expressa nas palavras citadas, das enormes diferenças entre a palavra dita, e ainda mais a palavra pregada, e a palavra escrita. Assim, a "exumação" destes "cadáveres" era-lhe duplamente penosa: por um lado, custava-lhe um longo e meticuloso trabalho de "lima", exigindo grande aplicação e persistência; por outro, o resultado de tamanho labor nunca poderia ressuscitar, de facto, os sermões pregados, perdidos para sempre entre a voz do pregador e os ouvidos cristãos do seu público. Daí que só por obediência ao Rei e ao Geral da sua Ordem se tenha

obrigado a empreender e, o que mais importa, a concluir a edição dos *Sermões*, em doze volumes, o último dos quais ultimado *in extremis*.

A mesma preferência pelo oral em detrimento do escrito, relacionada, cremos nós que de bastante perto, com a dificuldade de concentração exigida pelos textos escritos de longa extensão, estará também na base, juntamente com as vicissitudes da vida do autor, do estado fragmentário e inacabado em que ficaram as suas grandes obras proféticas, planeadas e concebidas para serem monumentais, mas que, ao contrário dos sermões, que puderam passar do discurso interior ao discurso oral e deste à fixação pela escrita, nunca passaram, na sua maior parte, da fase de elaboração mental.

Apesar da preferência, e até, aparentemente, de uma maior aptidão, pelo púlpito, Vieira encarava os seus sermões, no que toca à recepção, como simples manifestações de oralidade, destinadas a perdurar apenas na memória dos seus ouvintes e era bem diferente, a todos os níveis, a obra pela qual desejava ser conhecido pelos vindouros. Esta sim teria de ser uma obra escrita, por forma a perdurar no tempo, e de grande extensão e magnificência, dadas as características da matéria. Apesar de não podermos, aqui, deter-nos na análise da visão vieiriana do mundo e da história, é, talvez, conveniente lembrar, porque precisamente essa é uma das suas facetas menos conhecidas, que Vieira se considerava incumbido de uma espécie de "missão", que consistia em interpretar e divulgar as profecias que preconizavam a chegada iminente do Quinto Império — quinto porque se seguiria aos dos Assírios, Persas, Gregos e Romanos — e a grande obra idealizada deveria ser o meio pelo qual ele, Vieira, daria a conhecer tais esperanças; não como profeta, que nunca se considerou, mas como arauto dos profetas. Tal obra, de evidente e extraordinária importância para a Humanidade, seria, primeiro, a *História do Futuro* e, bastante mais tarde, a *Clavis Prophetarum* (1649-65 e 1671-96).

A *Defesa perante o Tribunal do Santo Ofício*, que aqui nos ocupa, surge cronologicamente entre ambas (1665-1666), fruto de uma circunstância específica da vida do seu autor: o Processo que lhe moveu a Inquisição, a partir de 1663, tomando como pretexto a célebre carta ao Bispo do Japão, na qual Vieira defendia que D. João IV, morto em 1656, havia de ressuscitar para assumir o papel que as profecias lhe destinavam na instauração do Quinto Império.

Todas as profecias em que Vieira se baseava apontavam o ano de 1666, ou à volta dele, como o ano dos grandes acontecimentos, pelo que importava que a *História do Futuro* estivesse concluída antes dessa data, sem o que se transformaria numa vulgar "história do passado". Daí que, ao ser preso, em Outubro de 65, e, conseqüentemente, obrigado a abandonar a grande obra, ainda em estado fragmentário e incompleto, Vieira tenha visto na *Defesa* uma forma de ultrapassar a impossibilidade, então já evidente, de concluir atempadamente a *História*. Concebeu então a *Defesa* com um duplo objectivo: o oficial, defender-